



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE UNB PLANALTINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO RURAL
(PPG-MADER)

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

JOÃO BAPTISTA DE SOUZA RAMOS NETO

**Educação do campo no Distrito Federal: um estudo de caso na
Escola Classe Ipê situada no Riacho Fundo – DF**

BRASÍLIA-DF

2023

JOÃO BAPTISTA DE SOUZA RAMOS NETO

**Educação do campo no Distrito Federal: um estudo de caso na
Escola Classe Ipê situada no Riacho Fundo – DF**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização
em Educação do Campo da Universidade
de Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em
Educação do Campo.

Orientador(a): Clarice Aparecida dos
Santos

BRASÍLIA-DF

2023

RESUMO

As políticas públicas educacionais brasileiras voltadas para educação no campo têm apresentado grande evolução no decorrer dos últimos anos. Apesar dos avanços, a realidade das escolas campesinas ainda revela grandes desafios, com demandas pedagógicas, logísticas e infraestruturas. Em vista disso o objetivo deste trabalho é analisar o cenário da educação do campo por meio de um estudo realizado na Escola Classe Ipê, situada na Região Administrativa Riacho Fundo – Distrito Federal. O objetivo foi identificar as dificuldades enfrentadas por seus professores e alunos, levando-se em consideração a observância de alguns aspectos principais: o projeto político pedagógico implementado na instituição, o Inventário da Realidade, o processo de ensino-aprendizagem, a formação dos docentes e a ligação da prática pedagógica com a vida do campo. Trata-se de um estudo de caso, qualitativo de caráter descritivo. Os dados foram coletados a partir de entrevista de grupo focal com professores da escola e por meio de questionário. Percebeu-se uma similaridade das respostas dos docentes, sobre a caracterização da escola, bem como realidade da escola do campo de maneira geral.

Palavras-chave: Educação do Campo. Educação do Rural. Desafios da educação do campo.

ABSTRACT

Brazilian educational public policies aimed at education in the countryside have shown great evolution over the last few years. Despite advances, the reality of rural schools still reveals great challenges, with pedagogical, logistical and infrastructural demands. Thus, the objective of this work was to analyze the field education scenario through a study carried out at the Ipê School, located in the Riacho Fundo - Distrito Federal. The objective was to identify the difficulties faced by its teachers and students, taking into account the observance of some main aspects: the political pedagogical project implemented in the institution, the teaching-learning process, the infrastructure of the school environment and teacher training. This is a case study, qualitative with a descriptive character. Data were collected from interviews, focal group and questionnaires with school's teachers.

There was a similarity in the answers between the two teachers, about the characterization of the school, as well as the reality of the rural school in general.

Keywords: Education in the countryside. Rural education. Field education challenges.

SUMÁRIO

1- Introdução	5
2- Educação do Campo no Brasil: concepção e trajetória	7
3- Metodologia	8
4- Resultados	10
4.1. Entrevista e grupo focal	10
4.2. Questionário	12
5- Conclusão	16
Referências Bibliográficas	18
Apêndice A – Considerações finais.....	20
Anexo A – Gráficos estatísticos do Google Forms.....	21
Anexo B – Fotografia	25

1- Introdução

O conceito de Educação básica do Campo foi estabelecido no contexto da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998 na cidade de Luziânia - Goiás (CALDART; PEREIRA; ALENTEJANO; FRIGOTTO, 2012). A partir daí o campo foi concebido como um território de produção de conhecimento e vida, superando a dicotomia urbano/rural, mas que respeita o modo de produção de vida dos sujeitos camponeses. Nesse sentido, a educação do campo propõe que as pessoas sejam educadas no lugar onde vivem, sendo partícipes da construção da proposta pedagógica. O que se contrapõe à escola rural ou educação rural.

A educação rural foi criada na perspectiva da classe latifundiária. Propõe um modelo de educação que replica o modelo da escola urbana, em que prevalece os valores da cidade sobre os valores do campo, desconsiderando a articulação com a realidade concreta da vida e a emancipação do sujeito enquanto cidadão crítico/reflexivo e transformador das estruturas da sociedade. Trata-se de uma visão tecnicista e instrumentalizadora da educação, para atender às demandas de um modelo de desenvolvimento de campo na perspectiva liberal e capitalista (CALDART, 2008).

Essa questão vem sendo discutida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra desde os anos 80, ao questionar a aplicação de práticas pedagógicas que não consideram a realidade do campo, tampouco considera o modo de produção de vida dos sujeitos camponeses e a luta pela terra.

Não obstante, em 1996, surge a Lei 9.394 (Diretrizes e Bases da Educação), em que em seu Artigo 28 dispõe sobre as práticas pedagógicas do campo em relação à metodologia, à didática e ao calendário escolar. Outrossim, surge o decreto 7.352/2010, que dispõe sobre a política educacional do campo e sobre o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA), o que vem fortalecer a luta contínua pela Educação do Campo, na perspectiva de valorizar o campo e suas práticas sociais e culturais.

A Educação do Campo está relacionada também com um modelo de desenvolvimento justo e sustentável do território camponês, considerando o modo de existência e produção de conhecimento e tecnologias dos povos camponeses, de forma a superar a ideia preconceituosa do campo como um lugar de atraso. Ao

contrário, o campo passa a ser também concebido pela academia como um espaço de produção de conhecimento, de modos de vida, de soluções e técnicas inovadoras de utilização dos recursos naturais.

A Educação do Campo se fortalece no sentido de incorporar as políticas norteadoras, contrapondo-se às políticas da Educação Rural, propondo ideias relacionadas à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo, indicando ações plausíveis para a escola e para a formação dos educadores do campo. Por isso esse conceito de Educação do Campo passou a se opor ao conceito de Educação Rural.

Não obstante, percebe-se que apesar dos avanços, tem havido pouca diferença nos Projetos Políticos Pedagógicos da escola do campo em relação à escola urbana. Isso se infere ao analisar, por exemplo, as propostas das escolas do campo do Distrito Federal, cujo PPP está disponibilizado no site oficial da Secretaria de Educação. O que se percebe é o desenvolvimento de práticas pedagógicas descontextualizadas da realidade camponesa.

Além disso, a falta de formação em educação do campo tem ocasionado práticas pedagógicas desenvolvidas por professores que não se identificam com a modalidade e até fazem uso de um discurso preconceituoso e excludente, desvalorizando o trabalho do camponês, fazendo com que o estudante não se identifique com a escola e não se veja representado no processo de ensino-aprendizagem e tampouco crie uma relação de pertencimento à escola.

Por isso, o presente estudo tem como objetivo analisar o cenário da educação do campo por meio de um estudo realizado na Escola Classe Ipê da região do Riacho Fundo - Distrito Federal, cujo objetivo específico é identificar como se dá o processo de ensino-aprendizagem na escola do campo Ipê; verificar se a prática pedagógica está articulada com as especificidades da vida no campo e analisar também os desafios e as problemáticas da escola, além de verificar se a formação dos docentes se reflete na construção da identidade da escola do campo.

2 - Educação do Campo no Brasil: concepção e trajetória

A concepção de Educação do Campo se deu logo após o I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (FERNANDES, MOLINA, 2004), realizado pelo Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), evento em que algumas entidades desafiaram o MST a levantar uma discussão mais ampla sobre a educação no meio rural brasileiro.

A Educação do Campo surge como mobilização dos movimentos sociais em busca de uma política pública de educação que atenda às demandas das comunidades camponesas.

Constituiu-se das lutas dos Sem Terra por uma escola pública no campo da Reforma Agrária e da resistência da população camponesa, no sentido de manutenção de suas práticas sociais, de seu território, de suas características culturais e de seu modo de produção (CALDART, 2008).

Uma educação que relaciona o acesso ao conhecimento científico com a luta pela terra, e estabelece uma relação dialógica entre os saberes escolares estabelecidos e os saberes populares dos sujeitos do campo. Assim, visa superar as formas tradicionais de concepção de escola e mudar o modo de produção do conhecimento se articulando às demandas da comunidade camponesa no entorno da escola (MOLINA; SÁ, 2011).

Nesse sentido, busca-se um projeto de Educação do Campo que contribua para a formação de sujeitos camponeses como lutadores e construtores do futuro (PISTRAK, 2009). Um instrumento de formação que desperta a consciência de classe e transformação social.

Outrossim, a Educação do Campo nasce para superar o discurso preconceituoso e excludente dos grupos hegemônicos, o qual apresenta o campo como lugar de atraso e o camponês como um ser bobo, estereotipado, como um ser arcaico e desprovido de saberes relevantes no processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, por muito tempo, a educação proposta pelos grupos dominantes implementou uma educação baseada na reprodução de conhecimentos, descontextualizada da realidade de seus educandos. Nesse particular, a concepção de educação ideal seria aquela subordinada ao modelo de desenvolvimento que atendesse aos interesses do capitalismo e em consequência disso, instrumentalizar

os trabalhadores sem desenvolver a consciência crítica e compreensão acerca das contradições sociais que sustentam esse sistema (FREITAS, 2011).

Contra-pondo-se a isso, a Educação do Campo vem propor uma educação que dialogue com as práticas sociais e os saberes do sujeito do campo, que não seja descontextualizada das realidades dos povos do campo e tampouco esteja à serviço dos interesses dos grupos socialmente dominantes (CALDART, 1997). Antes, propõe uma conexão do trabalho pedagógico com luta por um novo modelo de desenvolvimento do território camponês, em que valoriza o trabalho da agricultura familiar, os saberes historicamente estabelecidos, a produção de alimentação saudável, o desenvolvimento econômico justo e solidário e a luta pela terra.

3 - Metodologia

Trata-se de um Estudo de Caso, de caráter descritivo, de abordagem qualitativa por meio de questionários, pesquisa documental e grupo focal. Descritivo por descrever fatos de uma realidade, uma vez que procurou relatar as características de determinada população, assim como as particularidades do fenômeno estudado, relacionando suas variáveis.

A pesquisa de abordagem qualitativa levou em consideração a análise dos dados coletados, envolvendo a sua categorização e interpretação, permitindo compreender a complexidade das informações obtidas, se aproximando da natureza do fenômeno desta pesquisa. A pesquisa documental se deu por meio da análise do Inventário da Realidade da Escola Classe Ipê, produzido no segundo semestre do ano de 2023.

De acordo com esse documento, a Escola Classe Ipê está geograficamente localizada na DF-003, a 7 km do trevo de acesso ao Núcleo Bandeirante, quadra especial do Park Way, e compõe o patrimônio cultural do território da Arie Granja do Ipê. Trata-se de uma Arie que apresenta características naturais muito especiais, com cachoeiras e nascentes importantes (córregos Capão Preto, Ipê-Coqueiros), bichos e plantas raras que formam uma paisagem local única (IBRAM, 2017). Por se tratar de uma unidade de conservação, há restrições e normas quanto ao uso e à ocupação da área, de forma a preservar os recursos naturais e evitar a extinção da fauna e da flora local.

A maioria dos sujeitos que compõem a comunidade Granja do Ipê, atuam como agricultores familiares, chacareiros, artesãos, pequenos comerciantes, empregados domésticos e assalariados rurais. Apesar das condições adversas impostas pela ausência de políticas públicas de incentivo à agricultura familiar, esses agricultores permanecem com a produção de alimentos para o DF, evitando a descaracterização total do assentamento pela especulação imobiliária.

O questionário foi respondido por quatorze professores da Escola Classe Ipê e apresentou as seguintes perguntas:

1- Você trabalha na escola há quanto tempo?

2- Você tem alguma formação em Educação do Campo?

3- Caso tenha respondido “sim” na questão 2, qual o nível de formação em Educação do Campo”? Doutorado – Mestrado – Especialização – Curso de Formação Continuada

4- Qual(is) demanda(s) ou prática(s) social(is) vincula a escola (onde você atua) com o contexto de vida do campo e com a atualidade? Luta pela terra – Sustentabilidade Ambiental – Produção agrícola – Manifestações culturais – Movimentos sociais do campo – Outros.

5- Você já desenvolveu algum tipo de projeto ou prática pedagógica articulada com a realidade do campo (aspecto cultural, ambiental ou social) na escola onde atua?

6- Qual o maior desafio de atuar em uma escola do campo?

7- Algum estudante já contribuiu com saberes camponeses em alguma prática pedagógica que você desenvolveu?

O questionário tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas na escola e sua articulação com o modo de produção de vida do campo e as implicações da formação continuada nesse processo; além de identificar as dificuldades e contradições presentes na escola do campo.

4 - Resultados

4.1 – Entrevista e grupo focal

Em um primeiro momento a pesquisa foi realizada por meio de entrevista em grupo focal, durante a coordenação pedagógica da escola, com participação de quatorze professores.

Segundo a as Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo (2019), a coordenação pedagógica é o ambiente apropriado para a realização do planejamento das práticas pedagógicas, debates e estudos e para a construção da Organização do Trabalho Pedagógico. Foi nesse espaço de debate e de construção coletiva da Proposta Pedagógica, em que os docentes expressavam suas angústias diante dos desafios de fortalecer a identidade da escola do campo.

A principal preocupação relatada pelos profissionais foi acerca da perda da identidade camponesa da escola, haja vista que a mesma tem recebido um grande número de estudantes provenientes da área urbana, sobretudo da cidade do Riacho Fundo II. Isso se deu devido à construção de condomínios e habitações do programa de moradia do governo do Distrito Federal.

De acordo com o Inventário da Realidade da escola, o grande número de estudantes da área urbana está relacionado com o fato da Escola Classe Ipê passar a atender um grande quantitativo de estudantes dos Anos Iniciais, oriundos do Riacho Fundo II e por isso, a escola deixou de atender os estudantes da educação infantil, os quais representam a maior demanda no entorno da escola, uma vez que a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal determinou, à revelia da comunidade escolar, que a escola ofertasse apenas turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O que fez com que as crianças do campo precisassem estudar nas escolas da área urbana, pelo fato da escola classe Ipê não dispor de salas suficientes para o atendimento da demanda do entorno rural e da área urbana.

Com a expansão urbana chegando no campo, consequência da especulação imobiliária e pela falta de políticas públicas de habitação, há muitos estudantes da área urbana nas escolas do campo do Distrito Federal, o que se constatou na escola, a qual é objeto desta pesquisa. Em consequência disso, tanto os estudantes urbanos, quanto os estudantes camponeses acabam sendo educados distantes do seu espaço

de produção de vida. Contudo, de acordo com a lei do ECA 8.069 (1990, Art. 53, V), a criança e o adolescente têm direito ao acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência.

Além disso, os professores relataram a necessidade de fortalecer a identidade campesina da escola, para que o estudante do território camponês, no entorno da escola, tenha seu modo de produção de vida e de existência, seus saberes e fazeres vinculados com a Proposta Pedagógica da escola. Nesse particular, cabe destacar que segundo as Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo do Distrito Federal (2019), para que a unidade escolar esteja na modalidade educação do campo, o quantitativo de estudantes oriundos da área rural não será um critério preponderante, uma vez que poderão ocorrer casos excepcionais, em que a proposta pedagógica da escola esteja vinculada com as matrizes formativas do campo e que, em vista disso, podem justificar seu enquadramento nessa modalidade, ainda que atenda um percentual menor de estudantes residentes em área rural.

Nesse particular, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo (2012) orientam que a identidade da escola do campo deve ser definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes dos estudantes, na memória coletiva e nos movimentos sociais.

Considerando o desenvolvimento de práticas pedagógicas, no âmbito da organização curricular, articuladas com o contexto da realidade socioeconômica e cultural em que a escola está inserida e conectadas com as demandas e práticas sociais das populações que ali habitam, buscando refletir a identidade da escola do campo vinculada com os saberes e fazeres do campo; a escola pode ser definida como escola do campo, ainda que tenha um grande número de estudantes residentes da área urbana.

É importante ressaltar que em muitas áreas classificadas como urbanas no Distrito Federal, pelo Plano Diretor de Ordenamento Territorial, ainda há modos de produção, trabalho e cultura do campo. Por isso, a Proposta Pedagógica construída para atender as demandas sociais do campo também alcançaria, a priori, os sujeitos urbanos.

4.2 – Questionário

Em um segundo momento foram encaminhados os questionários aos quatorze professores da escola classe Ipê.

Quando questionados sobre a formação continuada em educação do campo, 71% dos professores responderam que tinham alguma formação (mestrado, especialização e curso de 180 horas). Sendo 2 com mestrado, 2 com especialização e 8 com curso de formação continuada tanto pela Escola de Aperfeiçoamento da Secretaria de Estado de Educação do DF, quanto pela Universidade Federal de Brasília (curso de formação continuada Escola da Terra).

Na perspectiva dos movimentos sociais, a formação de educadores é fundamental para a emancipação e formação do pensamento crítico dos educandos das escolas do campo, despertando a consciência sobre o modelo de desenvolvimento do campo na disputa entre o trabalhador camponês e os interesses do capitalismo na construção de projetos distintos de sociedade (MOLINA, 2014), além de promover a formação humana dos camponeses. Dessa forma, a educação torna-se um instrumento de luta pela conquista da terra e no desenvolvimento das práticas agroecológicas do campo.

Assim, a formação do educador deve-se se descolar da proposta de mera capacitação técnica, em que a prática de ensino é supostamente mais útil na formação do docente, a partir de uma perspectiva pragmática em que a reflexão sobre as contradições e desafios do campo não seria fundamental na formação, como se o educador devesse ser forjado como um executor do ensino, desvalorizando a fundamentação teórica ao propor o ativismo em sala de aula (MOLINA; HAGE, 2015).

A priori, a formação continuada dos professores em educação do campo se reverbera na construção do Projeto Político Pedagógico da escola classe Ipê, no qual foi identificado o planejamento do trabalho pedagógico e propostas pedagógicas articuladas com o modo de produção de vida dos povos camponeses, além da história dos povos da região ligada com a luta pela terra à época em que a escola foi construída. Ademais, ao analisar o inventário da realidade da escola, que precedeu a construção do PPP, foi identificada a marca de produção coletiva e a relação do trabalho pedagógico com os saberes do campo e com projeto de desenvolvimento sustentável e justo do território camponês.

Ao serem questionados sobre qual demanda social vincula a escola classe Ipê com o contexto de vida do campo e com a atualidade, 92,9% responderam que a busca pela sustentabilidade ambiental no campo conecta as práticas pedagógicas com a vida. Isso devido à escola estar localizada em uma área de conservação ambiental, objeto da especulação imobiliária e da grilagem na região. Nesse particular, a escola do campo deve objetivar introduzir os jovens estudantes no estudo prático da vida atual (PISTRAK, 2009). O que tem sido desenvolvido pelas práticas pedagógicas tanto relatadas na entrevista, quanto identificada no PPP e inventário da realidade, ao apresentarem propostas e projetos que levem os estudantes a refletir e praticar ações de preservação ambiental, como resgate de nascentes, produção de cartilhas educativas e palestras com especialistas para orientar sobre práticas ambientalmente sustentáveis.

A escola classe Ipê desempenha um papel importante para a comunidade, no sentido de promover a educação ambiental, a produção de horta agroecológica e em denunciar e monitorar as atividades ambientalmente predatórias no entorno, de forma a garantir que os produtores da agricultura familiar, sobretudo de fruticultura e produção de hortaliças, permaneçam na região produzindo alimento, mas também cultura, conhecimento e se estabelecendo como sujeitos coletivos de direito à terra e à manutenção de sua memória coletiva.

Ainda sobre a primeira pergunta, a segunda resposta que prevaleceu entre os professores, foi que as manifestações culturais do campo é uma prática social que conecta a escola com a produção de vida. Sobre isso é importante ressaltar que o campo não é apenas espaço de produção agrícola, mas também de manifestações culturais, interações sociais e de produção de vida. O que se contrapõe ao território da monocultura e do agronegócio, que vem despovoando o território camponês e desterritorializando os sujeitos camponeses e os expropriando do seu espaço de produção de vida. Por isso a escola do campo deve também promover propostas pedagógicas que valorizem a cultura e a epistemes de vida dos sujeitos camponeses.

Interrogados sobre já terem desenvolvido algum projeto ou prática pedagógica articulada com a realidade do campo, 71,4% dos professores responderam que sim. Isso decorre do alinhamento do Projeto Político Pedagógico com o Inventário da Realidade construído coletivamente pela escola, outrossim, como resultado do

processo de formação continuada, pelo qual os professores obtiveram a capacitação epistemológica e prática da educação do campo.

Na sexta pergunta, os professores foram provocados a refletir qual seria o maior desafio em se atuar em uma escola do campo. Três professores responderam que o maior desafio é articular o fazer pedagógico com as demandas do campo; dois responderam que é a superlotação das salas causada pelo atendimento dos estudantes provenientes da área urbana; dois responderam que é a formação e capacitação dos professores; um respondeu que é manter a escola como do campo, um respondeu que é a conscientização sobre a preservação ambiental e um respondeu que é a demanda por transporte.

Essas respostas revelam questões inerentes às escolas do campo: a falta de um itinerário em que o transporte busque o estudante no seu território, faz com muitas crianças andem grandes distâncias para acessá-lo e em alguns casos, pode implicar em longos atrasos para a aula, gerando implicações para o aprendizado; e a superlotação das salas de aulas, causada pelo grande número de estudantes oriundos da área urbana.

Isso indica a falta de políticas públicas eficientes no sentido construção de novas escolas na área urbana, sobretudo nas áreas de expansão sem planejamento urbano e pela construção das habitações populares no Riacho Fundo. O que vem demandando a construção de um Projeto Político Pedagógico que contemple o percentual menor de estudantes do campo e a maioria da área urbana, que por sua vez, acarreta outro desafio que é a manutenção da identidade de escola do campo.

Por fim, foi perguntado aos professores, se algum estudante já contribuiu com saberes camponeses durante a prática pedagógica desenvolvida pelos docentes. Nesse caso, 85,7 % dos professores responderam que sim.

Acerca disso, é mister destacar que a escola do campo deve promover o diálogo entre o conhecimento acadêmico/escolar e os saberes tradicionais historicamente estabelecidos pelos camponeses (CALDART; PEREIRA; ALENTEJANO; FRIGOTTO, 2012).

As práticas formativas e a base da formação, quando aplicados aos processos oriundos da relação dialógica entre academia e saberes populares, se desenvolve ao incorporar a pedagogia da terra à vida do educando. Assim, transformando o processo

pedagógico de perspectiva capitalista, em um processo de educação emancipatória considerando a identidade do campesinato.

5- CONCLUSÃO

A escola do campo Ipê do Riacho Fundo - Distrito Federal, possui um Projeto Político Pedagógico que está teoricamente articulado com as especificidades do campo, identificadas por meio do inventário da realidade, de forma que, pelo relato dos docentes na entrevista e pelas informações obtidas pelo questionário, é possível afirmar que a escola não só está localizada no campo, como também desenvolve práticas pedagógicas vinculadas com o modo de produção de vida do campo.

Entretanto, há um grande desafio sobre como desenvolver práticas pedagógicas conectadas com o modo de produção de vida camponês e ao mesmo tempo contemplar a grande quantidade de estudantes oriundos da área urbana. É um desafio que preocupa os professores, manter a identidade de escola do campo, à medida que a escola tem recebido muitos alunos da área urbana. O que vem ocasionando a superlotação das salas das salas de aulas e a perda da qualidade do ensino.

Insta salientar que isso tem acontecido com muitas escolas do campo do Distrito Federal, considerando a expansão urbana motivada por interesses de pequenos grupos, grileiros e pela falta de política pública de habitação e também pela carência de vagas e escolas na área urbana e considerando ainda que o campo no Distrito Federal é muito próximo do centro urbano.

Infere-se que a escola do campo precisa construir uma proposta pedagógica que contemple sujeitos camponeses e urbanos. De forma que estes também se sintam pertencentes à escola e a proposta da Educação do Campo, haja vista que a luta da Educação do Campo é pelo direito à terra, ao desenvolvimento justo e solidário e pela construção de uma sociedade mais igualitária. E isso converge com os objetivos e demandas sociais dos povos da área urbana, onde também há sujeitos que foram expropriados do campo, de seus direitos às condições dignas de vida.

Por isso é possível que o estudante urbano também tenha suas demandas e necessidades relacionadas com parte das demandas do campo. Por fim, o estudo também possibilitou inferir que a formação continuada em educação do campo se reflete nas práticas pedagógicas dos professores e na construção de um Projeto Político Pedagógico que fortaleça a identidade da escola do campo, haja vista o

elevado percentual de professores da escola classe Ipê que têm formação continuada e capacitação em educação do campo. E isso se reverbera no fazer pedagógico da escola articulado com contexto de vida e com o território camponês em que a escola está inserida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G; FERNANDES, B.M. **A educação Básica e o Movimento Social do Campo**. In: Coleção de Cadernos Por uma Educação Básica do Campo – v.2 Brasília: 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**, 2012.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p.242.

CALDART, R. S. **Por uma educação básica do campo – políticas públicas – educação**. Brasília: INCRA, MDA: 2008, p. 67.

CALDART. Roseli Salete. **Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis, Vozes, 1997, p,180.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo do Distrito Federal**. Brasília: 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Projeto Político-Pedagógico da Escola Classe Ipê**. Brasília: 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Inventário Social, Histórico da Escola Classe Ipê**. Brasília: 2023.

FREITAS, L.C. **Neotecnicismo e formação do educador**. In: ALVES, N (org.). **Formação de professor: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2011, p.95-108.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. **A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: Estratégias Político Pedagógicas na formação de educadores do campo**. In: UFMG; UnB; UFS e UFPA (Orgs.) **Licenciatura em Educação do Campo – Registros e reflexões a partir das experiências piloto**. Autêntica. Editor, Belo

Horizonte, 2011.

MOLINA, M. C.; HAGE, S.M.. **Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão da educação superior**. Revista Educação em Questão, Natal, 2015.

MOLINA, M.C.; SÁ, L.M. **A Licenciatura em Educação do Campo**. MOLINA, M.C.; SÁ, L.M. (Orgs) Registros e reflexões a partir das experiências-piloto. UFMG, UnB, UFBA E UES. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.35-62.

PISTRAK, M.M.A. **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANTOS, C. A. **Educação do campo: campo – políticas públicas – educação**. Brasília: 2009.

APÊNDICE A – Considerações finais

Este estudo foi realizado quando exercia a função de gerente de atenção à Educação do Campo do Distrito Federal, no âmbito central da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Nessa função, visitei muitas escolas e dialoguei com diversos gestores e professores das escolas do campo, os quais relataram desafios similares com os enfrentados pela escola classe Ipê do Riacho Fundo, a saber: a descaracterização da identidade da escola do campo, decorrente da volumosa presença de estudantes da área urbana nas escolas do campo, causada pela falta de vagas e escolas no território urbano; a atuação parte de professores sem formação em educação do campo, os quais não se identificam com a luta pela terra e desenvolvimento sustentável e justo do campo, e acabam reverberando o etnocentrismo urbano em detrimento do modo de produção do povos camponeses; a dificuldade de acesso e de transporte em algumas áreas rurais, onde os estudantes residem, nas quais o transporte público nem sempre chega, entre outras queixas. Entretanto deve-se destacar que no Distrito Federal, o número de escolas do campo aumenta, o que se diferencia de outras regiões do Brasil, além disso há muitas escolas do DF que apresentam ótimas instalações, como é o caso da escola classe Ipê, que dispõe de ar condicionado e Datashow nas salas de aula, cozinha industrial e área de lazer arborizada. Não obstante, ainda há necessidade de abertura de escolas e vagas para atender os alunos do Ensino Médio, muitos dos quais precisam de deslocar para a área urbana, a fim de concluir essa etapa, descolando-se do seu modo de produção de vida.

ANEXO A – Gráficos estatísticos comprobatórios da pesquisa (extraído do Google Forms)

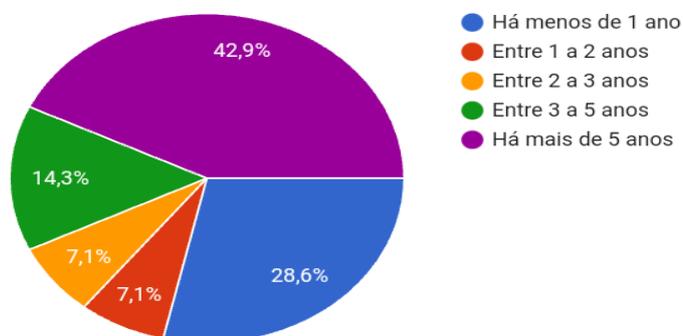
Questionário sobre a Escola do Campo

Perguntas **Respostas** 14 Configurações

1- Você trabalha na EC Ipê há quanto tempo?

 Copiar

14 respostas



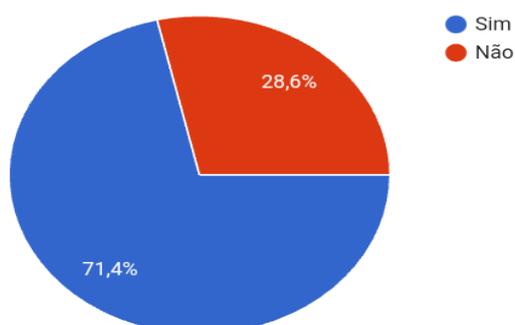
Questionário sobre a Escola do Campo

Perguntas **Respostas** 14 Configurações

2- Você tem alguma formação em Educação do Campo?

 Copiar

14 respostas

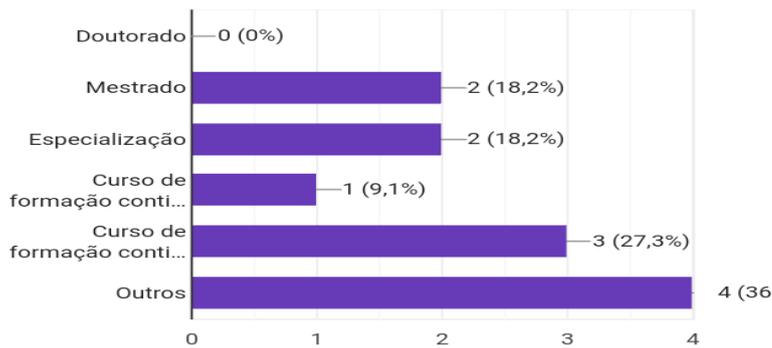


Questionário sobre a Escola do Campo

Perguntas **Respostas** 14 Configurações

3- Caso tenha respondido "sim" na questão 2, qual o nível de formação em Educação do Campo? [Copiar](#)

11 respostas

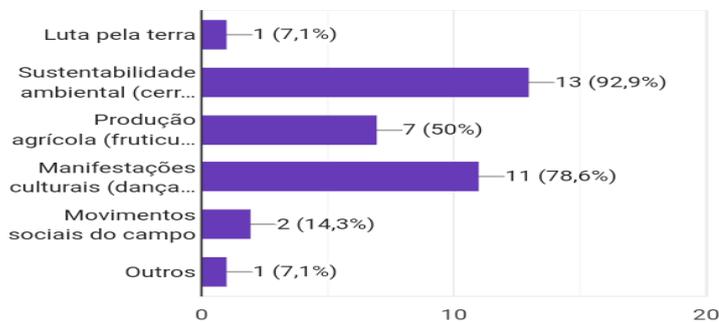


Questionário sobre a Escola do Campo

Perguntas **Respostas** 14 Configurações

4- Qual (is) demanda (s) ou prática (s) social (is) vincula a escola (onde você atua) com o contexto de vida do campo e com a atualidade? [Copiar](#)

14 respostas



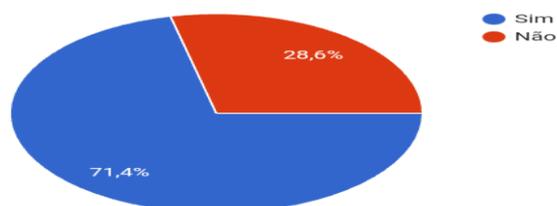
Questionário sobre a Escola do Campo

Perguntas Respostas 14 Configurações

5- Você já desenvolveu algum projeto ou prática pedagógica articulada com a realidade do campo (aspecto cultural, ambiental ou social) na escola onde atua?

[Copiar](#)

14 respostas



Questionário sobre a Escola do Campo

Perguntas Respostas 14 Configurações

6- Qual o maior desafio de atuar em uma escola do campo?

14 respostas

O número de alunos por sala.

Recursos

Manter essa escola como do Campo

Aliar comunidade e educação

Formação adequada e participação efetiva da comunidade local

Profissionais capacitados que possam dar suporte e aprimorar

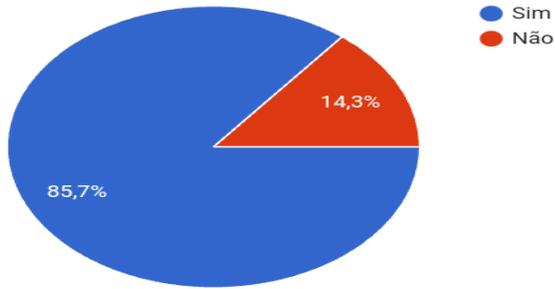
A diversidade cultural

:)

7- Algum estudante já contribuiu com saberes camponeses em alguma prática pedagógica que você desenvolveu?

 Copiar

14 respostas



ANEXO B – Fotografia com as professoras e professores da escola classe Ipê do Riacho Fundo.

